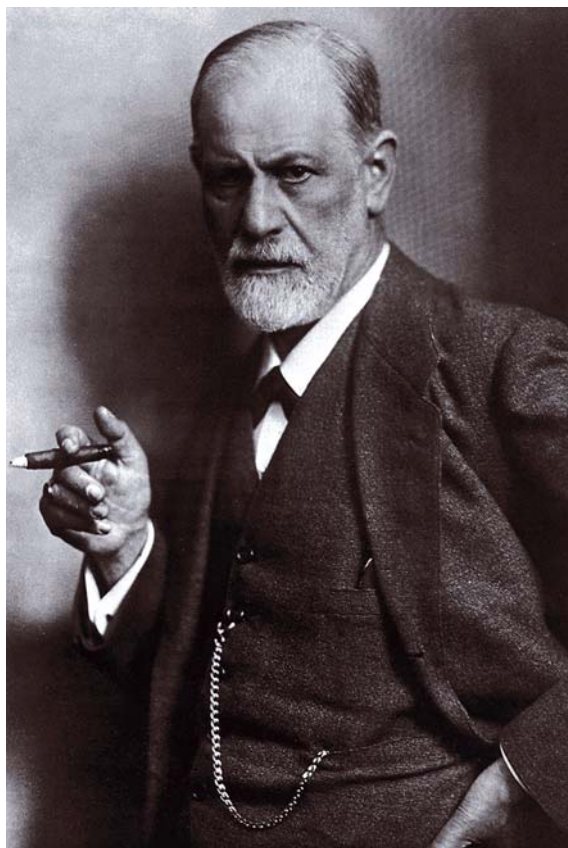


## A NOVA TRADUÇÃO BRASILEIRA DAS OBRAS DE SIGMUND FREUD

A partir dos anos 1970, o debate em torno da tradução da obra de Freud transbordou para além do campo dos especialistas ganhando destaque na comunidade psicanalítica. Naquela época, as críticas centravam-se fundamentalmente nos termos psicanalíticos adotados pela prestigiosa tradução inglesa de James Strachey, a *Standard edition of Sigmund Freud complete psychoanalytical works*, que havia estabelecido um padrão terminológico internacional. Discutia-se uma possível revisão dos termos “técnicos” psicanalíticos, cuja tradução passou a ser considerada por muitos como demasiado medicalizada e biologizante e afastada

da linguagem original freudiana – mais ligada à experiência cotidiana e afetiva. Contudo, após 1980, empreenderam-se mais estudos abarcando não só a *Standard edition*, mas outras importantes traduções em outros idiomas enfocando também as circunstâncias pessoais, históricas e ideológicas que afetavam os projetos de tradução. Novos aspectos se foram acrescentando aos debates. Também se desenvolveram novas pesquisas conceituais na interface entre psicanálise e teoria da tradução. Inúmeras distorções e falta de distinções



Arquivo SPS/SP

conceituais foram mapeadas nas traduções em geral, colocando-as, de certa forma, todas sob suspeita e incentivando um movimento de revisão e re-feitura de traduções nos diversos idiomas. A tradução brasileira, a *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* passou por um processo análogo. Além de ter envelhecido, padeceu do defeito de ter sido traduzida do inglês, e uma nova tradução, a partir do alemão e conforme critérios mais atuais, se fazia necessária. Entretanto, mesmo buscando incorporar esses avanços, é

provável que nenhuma das novas traduções, incluindo a nossa nova edição brasileira, sobreviva incólume ao atual crivocritico.

O paradoxal é que, embora Freud seja o autor de língua alemã cuja tradução é de longe a mais debatida e estudada, seus textos não são resistentes à tradução quando comparados a outros da época. Frequentemente Freud escrevia visando divulgação da psicanálise e, em geral, seus textos eram redigidos em estilo acessível. Por que então Freud transformou-se num dos maiores desafios à tradução contemporânea?

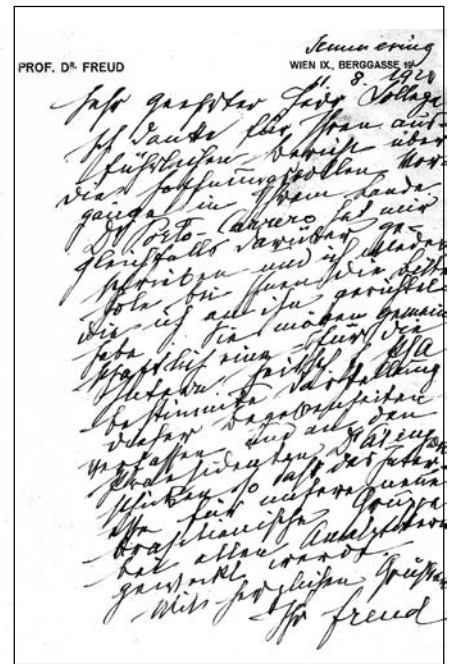
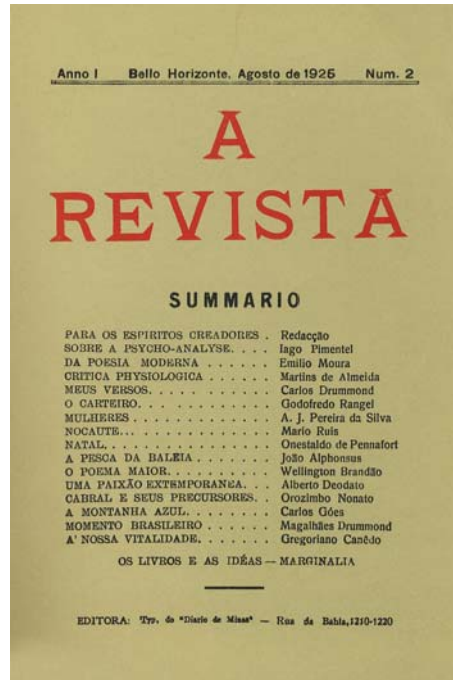
Parte do problema reside no fato de que o texto de Freud não é apenas lido, mas estudado, a partir de diferentes perspectivas. Na universidade Freud é estudado não só por psicólogos clínicos, mas também por outros especialistas e teóricos da literatura, cada qual exigindo diferentes atenções do tradutor. Porém, as escolas de psicanálise, cada uma com sua terminologia e distinções conceituais, desenvolveram concepções de tradução tão divergentes, que acabaram por gerar um verdadeiro “cisma” no campo.

Entretanto, uma tradução de Freud destina-se a servir a toda comunidade de leitores. Assim, optamos por debater essas questões com especialistas, alunos e leigos e finalmente organizamos um encontro interdisciplinar na Faculdade de Letras da USP, em outubro de 2003, com psicanalistas, tradutores e germanistas. Desses debates obviamente não surgiu um consenso, mas amadureceu uma opção: por um lado levar em conta os aspectos estilísticos, a clareza do texto freudiano e a naturalidade da terminologia psicanalítica, buscando resgatar o prazer de ler Freud e, por outro, oferecer um corpo de notas e comentários que aborde questões conceituais-semânticas

essenciais a um estudo mais aprofundado. Além disso, ficou clara a necessidade de uma tradução crítica, que permita diversos tipos de leitura.

Um instrumento fundamental para realizar essa tarefa é a semântica contrastiva (comparações entre traços semânticos de dois idiomas a partir do idioma de chegada). Historicamente, importantes contribuições para a análise estilística e semântica dos textos de Freud ocorreram a partir de sua recepção no exterior e graças aos estudos realizados por estrangeiros e à leitura contrastiva. Este fenômeno não é exclusivo do campo psicanalítico, e ocorre também em análises literárias. São os estrangeiros que muitas vezes revelam, também para o leitor nativo, a riqueza do idioma de partida, bem como peculiaridades do ambiente cultural da obra, das quais, pela naturalidade com que o falante nativo as encara, ele mesmo não se dá conta.

Contudo, embora tradutores e comentaristas estrangeiros tenham em muito enriquecido a leitura de Freud, a margem para uma recriação tradutiva ficou cada vez mais estreita devido à crescente conceptualização do campo. Muitos termos ficaram engessados em uma “terminologia técnica”, semanticamente pobre. Essa tendência, até certo ponto, é o inevitável resultado do amadurecimento da psicanálise e da necessidade de adoção de certos padrões terminológicos. Por outro lado, Freud se serve constantemente daquilo que ele via como a sabedoria psicológica embutida nos idiomas, para apontar para nexos e origens, compartilhados entre fenômenos psíquicos aparentemente desconectados. Tirava partido da vivacidade de certas palavras, das conotações sutis e da facilidade de se construir



Revista do grupo modernista mineiro, que teve entre seus fundadores Carlos Drummond de Andrade. Nela foi publicada a primeira tradução conhecida de um texto de Freud, diretamente do alemão para o português pelo psiquiatra Iago Pimentel.

palavras em alemão (por meio de composição), para descrever processos inconscientes fundamentais que estariam presentes na própria estruturação das línguas. Assim, dado o uso que Freud faz da linguagem, a conceitualização crescente da psicanálise cria para o tradutor um impasse insuperável entre dois gêneros de rigor conceitual, aquele apoiado na fixação dos termos em um código terminológico rígido e semanticamente mais pobre, ou o rigor conceitual apoiado na elucidação dos nexos semânticos e nos sinônimos que circunscuem o conceito. Por exemplo, a palavra *befriedigung* deveser traduzida sempre como “satisfação”, ou, conforme o contexto, ora como “apaziguamento”, como “saciação” ou como “gozo”? Nos casos em que optamos pela terminologização rígida, usamos notas sobre os aspectos semânticos não resgatados em português, nos casos em que

deixamos o termo flutuar livremente, advertimos que se trata do mesmo termo alemão.

Assim, se, em algum grau, todo tradutor leva em conta a semântica contrastiva, em nosso trabalho sentimos a necessidade de sistematizar este instrumento. Esses e outros critérios que nortearam o trabalho serão detalhados na apresentação do primeiro volume. Ao final da apresentação, consta um pequeno trecho especialmente difícil de se traduzir retirado do artigo “O Recalque” (1915), cuja tradução é discutida passo a passo e comparada com outras traduções existentes.

Luiz Alberto Hanns

Luiz Alberto Hanns é doutor em psicologia clínica, psicanalista, autor do Dicionário comentado do alemão de Freud e de A teoria pulsional na clínica de Freud e editor da nova tradução das obras de Freud para o português. É professor do curso de pós-graduação *latu-sensu* em psicanálise no Instituto de Psicologia da USP.